

A PSICOLOGIA DOS PSICÓLOGOS E A PSICOLOGIA DOS EDUCADORES*

Marília Gouvea de Miranda

da UFGO e Universidade Católica de Goiás

*Enquanto olhamos a meia-lua,
como poderíamos não sentir que
ela está integrada na rotundidade
da lua inteira? Dos dois lados, a
realidade nos é dada em dobro,
e ao mesmo tempo ela nos esca-
pa totalmente.*

(Lou Andreas-Salomé)

Posto dessa forma, esse tema sugere uma provocativa indagação: há uma psicologia dos psicólogos e uma psicologia dos educadores? Se a questão pretende se referir à existência de mais que uma instância de produção de conhecimento psicológico, a resposta só poderia ser não. Não há mais do que uma Psicologia, ainda que essa única psicologia se constitua como uma multiplicidade de teorias, paradigmas, áreas e técnicas. A Psicologia não pode ser desdobrada, portanto, em uma psicologia dos psicólogos e uma psicologia dos educadores.

Pode-se ampliar a provocação contida no tema e especular sobre as possibilidades de existência de uma sociologia dos sociólogos e uma sociologia dos educadores, de uma filosofia dos filósofos e uma filosofia dos educadores, de uma história dos historiadores e uma história dos educadores, de uma biologia dos biólogos e uma biologia dos educadores! Estou certa de que todos seriam unânimes em concordar

que, a despeito de suas respectivas multiplicidades, estamos falando de Sociologia, Filosofia, História, Biologia.

Todos esses campos específicos, incluindo a Psicologia, constituem disciplinas fundamentais na formação do educador, passando a ser designadas como Psicologia da Educação, Sociologia da Educação, Filosofia da Educação, História da Educação, Biologia da Educação, Economia da Educação. Nas universidades estabelece-se uma acirrada disputa para definir a quem pertence, do ponto de vista institucional, o monopólio dessas disciplinas: quem deve ensinar, por exemplo, Psicologia da Educação? O psicólogo que pertence ao corpo de professores ligado ao Curso de Psicologia ou o psicólogo que pertence ao corpo de professores ligado ao Curso de Pedagogia?

Esse problema só pode ser compreendido na perspectiva de uma discussão da natureza dessa disciplina chamada de Psicologia da Educação. Nem tanto para discutir, do ponto de vista institucional, onde deve se localizar o psicólogo interessado em investigar as questões educacionais — mesmo porque essa discussão passa por outras referências, como, por exemplo, a concepção de universidade que está em causa — mas para pensar os intrincados problemas contidos em sua delimitação.

* Texto elaborado para a prova didática do concurso público para Professor Titular em Psicologia da Educação na Universidade Federal de Goiás, realizado em 25.03.1992.

A Psicologia dos psicólogos

No final da década de 70, Hilton Japiassu (1979) afirmava que a Psicologia era algo importante demais para ficar entregue nas mãos dos psicólogos. Treze anos depois, ao discutir se a Psicologia deve ficar nas mãos dos psicólogos ou nas mãos dos educadores, questiono se avançamos muito. Afinal, da discussão da especialização passamos à discussão da sub-especialização. Se, antes, estava em questão a fragmentação do homem enquanto objeto de conhecimento em várias dimensões e a maneira pela qual os psicólogos estavam levando a cabo a parte que lhes coube nesse latifúndio epistemológico, hoje estamos discutindo não só a fragmentação original, mas as sucessivas fragmentações desse terreno, em especial aquela que seria fundante de uma Psicologia da Educação. Com isso estou querendo afirmar que, se antes já se considerava problemática a delimitação de um campo próprio da Psicologia no conjunto dos conhecimentos científicos e filosóficos sobre o homem, torna-se ainda mais difícil pensar a divisão da Psicologia em diferentes subpsicologias, como é o caso da proposição de uma Psicologia da Educação.

A história da Psicologia revela que esta ciência se constituiu quase sempre numa relação muito mais próxima da educação do que normalmente se imagina. Ora, a Psicologia moderna, como sabemos, surge ao se emancipar da Filosofia, trazendo para si o mesmo ideal de cientificidade disposto pelas ciências físicas. Como afirma Habermas (1982, p.90): "O único traço filosófico do positivismo é a necessidade de imunizar as ciências contra a filosofia".

Ao se constituir enquanto ciência positiva, a Psicologia supunha haver abandonado todas aquelas questões metafísicas com as quais os filósofos vinham se confrontando inutilmente há séculos, como as relações mente e corpo, homem e natureza, biológico e social, interno e externo, particularidade e universalidade. A ausência desses resíduos metafísicos deveria ser um traço das novas ciências que passaram a se constituir a partir do final do século passado. Historicamente, nessa época, ia se consolidando um interesse que se revelaria dominante nesse século, qual seja, o de conhecer o homem em sua dimensão mais individual. As promessas liberais de uma vida mais livre e promissora para todos não se efetivaram ao longo do século XIX: ao contrário, conviviam-se com rebeliões e revoltas. Por que o mundo não se revelava melhor para todos? Havia uma sugestão de que se deveria promover uma reorganização moral e intelectual adequada à nova ordem: os indivíduos deveriam ser educados. A sociedade era vista como um todo biológico e social, "uma forma superior, aperfeiçoada, da história social" (Ianni, 1988, p.21)¹. Era, portanto, necessário investigar os processos que permitiriam a participação dos indivíduos na consolidação da organicidade desse todo: ordem e progresso. Nesse contexto de construção do "novo

homem" estavam se consolidando os sistemas nacionais de ensino, permitindo que a educação passasse a se destinar às massas.

A Psicologia surge, originariamente, com os estudos dos alienados, dos loucos, dos que não têm lugar nesse mundo, dos que desafiam a organicidade do todo social. Mas logo vai se firmando também como um estudo positivo dos comportamentos normais. Vão se consolidando os estudos experimentais dos comportamentos individuais, as tentativas de estabelecer escalas métricas de avaliação, os primeiros estudos genéticos.

Numa perspectiva mais ampla de compreender como o indivíduo é ou como se constitui, está presente uma preocupação com a educação, com a conformação de uma sociedade melhor pela reorganização intelectual e moral dos indivíduos. Enfatizam-se não os aspectos coletivos humanos, mas sua dimensão mais particular, mais privada, de um ser que aparece cada vez mais isolado e atomizado.

Analisando a emergência da Psicologia científica no Brasil, Mitsuko Antunes (no prelo)² constata que, a par dos primeiros estudos ligados à Medicina (Psicopatologia) no século XIX, "a grande contribuição vem, porém, da Educação, em que esta se torna o principal meio de difusão da Psicologia, especialmente no que se refere ao pensamento escolanovista no país, o qual tem na ciência psicológica um de seus mais importantes fundamentos. Vários laboratórios de Psicologia foram criados em instituições educacionais, como por exemplo os laboratórios do *Pedagogium*³, da Escola Normal de São Paulo e da Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico de Belo Horizonte, fontes de inúmeras pesquisas na área da Psicologia. Vinculadas a isso, as escolas normais, por suas cátedras de Psicologia ou Pedagogia, tornaram-se importantes meios de difusão do conhecimento psicológico, assim como contribuíram para torná-lo instrumento da ação pedagógica: nesse campo vale citar os trabalhos de Sampaio Dória, Manoel Bomfim e Lourenço Filho".

Essa referência aos desdobramentos da Psicologia no Brasil a partir da década de 20 permite evidenciar como sua história se confunde com a história da educação. Com isto, estou querendo afirmar que a Psicologia já se constituiu no Brasil como "Psicologia da Educação".

- 1 "Aí, o Estado deve ser forte, dirigente, para que as diversidades e igualdades entre grupos, classes, regiões, nacionalidades etc. não afetem a harmonia e o funcionamento do todo. O progresso econômico, industrial, capitalista, depende da ordem, harmonia, entre uns e outros" (Ianni, 1988, p.21).
- 2 Ver ainda Mitsuko Antunes (1991).
- 3 Fundado no Rio de Janeiro em 1890 para ser "um centro propulsor das reformas e melhoramentos" da educação nacional, o *Pedagogium* funcionou como museu pedagógico até 1897, quando passou a atuar como centro de cultura superior aberto ao público, até ser extinto em 1919. Em 1906, foi ali instalado um laboratório de Psicologia Experimental, dirigido por Manuel Bomfim (Penna, 1986, p.7-8).

Poderia ser afirmado, como sabiamente o fez Freud acerca da Psicologia como psicologia social⁴, que toda psicologia é psicologia da educação? Num sentido muito amplo, mais precisamente nessa perspectiva de compreensão da Psicologia como psicologia social, na medida em que está em causa a relação do indivíduo com a sociedade e seus processos, pode-se supor que em toda psicologia está em causa uma compreensão de educação, porquanto esta se constitui como prática social que se efetiva enquanto mediação da relação do indivíduo com a sociedade. Basta ler com atenção os precursores da Psicologia clássica para encontrar neles as ressonâncias dessa sintonia com o mundo e suas questões mais prementes naquele momento: Wundt, Herbart, Baldwin, James, Mead, Dewey, Thorndike, Watson, Köhler, Koffka, Wertheimer, Freud, Ribot, Bovet, Janet, Binet, Skinner, Claparède etc. Não se está afirmando que os psicólogos estivessem especialmente preocupados em pensar o indivíduo em sua relação com a sociedade; o que está sendo sugerido é que, de uma forma ou de outra, a maneira como essa relação era por eles apreendida está indicada em suas teorias.

Um dos modos pelos quais a ressonância da teoria psicológica com relação ao conjunto das relações sociais se explicita nos textos dos psicólogos é na definição epistemológica de seu objeto e do processo pelo qual o conhecimento desse objeto se efetiva. Está se falando, portanto, da constituição da relação sujeito-objeto no seio dessas teorias.

Com o processo de autonomização das ciências, a ingerência do positivismo marca o fim da teoria do conhecimento ou, dito de outro modo, a conversão da teoria do conhecimento em teoria da ciência. O sujeito cognoscente desaparece sob uma pseudo-objetividade cientificista ou é transformado em sujeito empírico e, como tal, abstrato. Mascara-se, dessa forma, a presença do homem na construção de sua realidade objetiva. O homem não é mais pensado na dimensão de quem concebe, constrói e conhece o mundo. Para o objetivismo que orienta a apreensão dos fatos nas ciências sociais, não faz sentido perguntar pelo processo do conhecimento, pois o sujeito cognoscente já não estaria neles. É nessa perspectiva que Habermas (1982, p.91) afirmará que "o sentido próprio do conhecimento torna-se irracional, e isso em nome do conhecimento exato".

A questão do conhecimento, reduzida agora a sua expressão individual, foi convertida em objeto da Psicologia: cabe a essa nova ciência investigar as condições de cognoscibilidade no indivíduo, além das questões morais e afetivas, compreendidas também em suas manifestações individuais⁵.

"Foi essa, portanto, a via pela qual a Psicologia retirou da Filosofia (ou herdou, segundo a interpretação positivista) o problema da explicação dos processos do conhecimento. A vertente positivista que fundamentou o surgimento da Psicologia do desenvolvimento teve sua orientação definida pela doutrina evolucionista (...) O ato do conhecimento empírico deveria ser compreendido como processo (...) Toda a problemática ficaria reduzida a essa questão adaptativa, e a Psicologia do conhecimento seria concebida

predominantemente como Psicologia do desenvolvimento do conhecimento da criança" (Miranda, 1991, p.133). Também na perspectiva de uma psicologia não genética, desenvolveu-se o estudo dos processos de aquisição do conhecimento, sob a forma de teorias de aprendizagem, em especial na teoria da Gestalt e na teoria associacionista.

Na origem da constituição da Psicologia verifica-se, portanto, de um lado, como ocorreu com as demais ciências humanas, sua consolidação como ciência objetivista que mascara a existência do sujeito cognoscente e, de outro, como uma dimensão particular, a definição da questão do conhecimento individual como seu objeto.

Esta questão, ainda que de difícil compreensão, é importante para evidenciar como, predominantemente, na conformação de seu objeto ou na definição da relação sujeito-objeto, a Psicologia já havia disposto, fundamentalmente, as condições que fariam com que não apenas a definição de seu objeto — o indivíduo atomizado — mas a própria concepção do processo pelo qual a compreensão desse objeto seria realizada distanciavam essa Psicologia de uma compreensão articulada da relação do indivíduo com a sociedade.

Em nome disso, têm sido feitas tentativas de promover uma espécie de sociologização de algumas vertentes da Psicologia clássica, como tem ocorrido, por exemplo, na Psicologia Cognitiva, em que se tem buscado dar à teoria piagetiana uma dimensão mais cultural ou social. Ocorre que a compreensão mais ou menos social do indivíduo é posta na própria definição epistemológica do objeto da Psicologia. A Psicologia certamente tem de se ocupar do indivíduo. Mas a dimensão social que esse indivíduo tem precisa estar contemplada na própria compreensão de indivíduo. Não se trata, portanto, de fazer sociologismo no terreno da Psicologia. A fecundidade da Psicologia enquanto ciência revela-se quando esta se torna capaz de desvelar no indivíduo sua dimensão mais particular e mais universal, a partir de seus fundamentos.

A Psicologia dos educadores

Muitos argumentos a favor de uma psicologia dos educadores referem-se a uma suposta especificidade do objeto tomado pela Psicologia ao se confrontar com as questões da educação: a Psicologia deve partir das questões educacionais, tomando-as como objeto de investigação, analisando-as na perspectiva dos conteúdos e métodos psicológicos, tendo como perspectiva o retorno ao ponto de partida que é, afinal, a prática educativa. Essa sugestão encontra-se, por exemplo, em Dermeval Saviani (1990, p.5): "Para su-

4 "Na vida anímica individual, aparece integrado sempre efetivamente o 'outro', como modelo, objeto, auxiliar ou adversário, e desse modo a psicologia individual é, ao mesmo tempo e desde um princípio, psicologia social, em um sentido amplo, porém plenamente justificado" (Freud 1981, p.2563). A esse respeito, ver também a interessante análise de Adorno (1966, p.110-7).

5 Cf. Mirian Warde (1990, p.28).

perar essas flutuações e propiciar à consciência pedagógica a redescoberta de seu objeto, faz-se necessária a intervenção da Filosofia. (...) os pedagogos não se dão conta de que estão deslocando o eixo de preocupação da Educação para a Psicologia ou a Sociologia etc., reduzindo-se a educação a um mero ponto de passagem. Cumpre restabelecer o primado do problema, recolocando a educação no centro de nossas cogitações, isto é, como ponto de partida e como ponto de chegada das teorizações e práticas pedagógicas". Esse enfoque dado por Saviani é muito importante no sentido de alertar todos aqueles que se debruçam sobre as questões da educação, para que permaneçam atentos, em suas análises, às questões da Educação, em sua multiplicidade e totalidade, e não façam dela mera área de aplicação de referência prática para suas teorias. Mas isso não justifica — e essa sugestão não pode ser identificada no texto de Saviani — a proposição de uma Psicologia específica, nos moldes de uma Psicologia da Educação distinta da Psicologia, ou uma "psicologia dos educadores".

Nesse caso, estar-se-ia partindo do princípio de que o reconhecimento do objeto em sua complexidade e multiplicidade de relações transforma a natureza do conhecimento que sobre ele será produzido pela Psicologia. Ocorre que essa Psicologia chamada a participar já contém suas próprias definições conceituais, metodológicas, epistemológicas, como foi discutido acima. Corre-se o risco, assim, de propor como original, no âmbito do conhecimento pedagógico, uma análise que contém os problemas da constituição do conhecimento psicológico, que tanto se pretendeu evitar.

Mas, pode-se indagar, não haveria um conjunto de produções psicológicas mais especificamente devotado às questões educacionais, a ponto de justificar sua definição como Psicologia educacional? Seria possível dizer, por exemplo, que Freud estava menos preocupado com essas questões do que Piaget? De certa forma sim, mas, por outro lado, há em Freud tantas e inexploradas sugestões que nem sempre foram reconhecidas pelos educadores! Quando definimos os limites do que é e do que não é Psicologia da Educação, estamos sempre, em favor de determinados critérios adotados, arbitrando um recorte particular e específico, com relação à Psicologia como um todo.

Estabelecer um recorte na Psicologia só se justifica, portanto, por razões institucionais ou sistemáticas, para facilitar a identificação desse recorte específico (definido pela ementa, pelo professor ou pelo manual) como fazemos, por exemplo, ao designar uma disciplina como Psicologia da Educação. Mas propor a autonomização da Psicologia da Educação, como querem alguns, já seria um exagero, porque desprovido de fundamento objetivo.

Com referência à indagação contida no tema proposto, pode-se afirmar, portanto, que não há nada que fundamente, tanto do ponto de vista histórico, quanto do ponto de vista epistemológico, o suposto de uma "psicologia dos educadores" autonomizada com relação à "psicologia dos psicólogos". Falar em Psicologia da Educação como efetivamente fazemos justifica-se por uma conveniência de ordem prática. Mais que isso é pura invenção, ou melhor, é algo exterior ao próprio processo de constituição da Psicologia, da Educação e de suas relações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. *Sociológica*. Madri : Taurus, 1966. Cap. p.101-17: La revisión del psicoanálisis.
- ANTUNES, Mitsuko A.M. A constituição da Psicologia no Brasil: perspectiva histórica. *Cadernos do Conselho Regional de Psicologia*, São Paulo (no prelo).
- _____. *O processo de autonomização da Psicologia no Brasil: 1890-1930*. São Paulo, 1991. Tese (doutor.) PUC-SP.
- FREUD, Sigmund. *Psicología de las masas y análisis del yo*. In: OBRAS completas. Madri : Nueva, 1981.
- HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro : Zahar, 1982.
- IANNI, Octavio. *A Sociologia e o mundo moderno*. São Paulo : EDUC, 1988.
- JAPIASSU, Hilton. *A Psicologia dos psicólogos*. Rio de Janeiro : Imago, 1979.
- MIRANDA, Marília G. *Razão e adaptação: um estudo da epistemologia genética de Jean Piaget*. São Paulo, 1991. Tese (doutor.) PUC-SP.
- PENNA, Antonio G. *História da Psicologia: apontamentos sobre as fontes e sobre algumas das figuras mais expressivas da Psicologia na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro : ISOP; CPGP, 1986.
- SAVIANI, Dermeval. Contribuições da Filosofia para a Educação. *Em Aberto*, Brasília, v.9, n.45, jan/mar. 1990.
- WARDE, Mirian J. A favor da Educação, contra a positivação da Filosofia. *Em Aberto*, Brasília, v.9, n.45, jan/mar. 1990.
-